

República

Director: CARVALHÃO DUARTE
Director-Adjunto: ALFREDO GUIADO

SEXTA-FEIRA, 8 DE DEZEMBRO DE 1967

O VAGABUNDO NA CIDADE

Por MANUEL DA FONSECA

Madrugada de chuva e de vento. Chuva rumorosa, que metralha as ruas e as paredes encharcadas. Vento áspero, que sacode as cordas de água, raspa pelas esquinas, desorientado e ruidoso, e entra na taberna, húmida, fria, onde, a espaços, chegam, vindos do rio, os uivos abafados e longos das sirenes dos barcos.

A taberna está cheia de marítimos e de trabalhadores das docas. Uma lâmpada única, saída da parede, atira com a luz crua contra as caras e os troncos, cortando-os pela altura do balcão. Daí para baixo, é tudo uma sombra densa até à serradura empapada, negra, que cobre o chão.

A conversarem, em grupos, a voz dos homens é rouca, dura e sacudida. Falam por meias frases gritadas, e chega para se entenderem. As palavras ressoam, crescem, soltas de todas as bocas, como numa luta contra a noite, a chuva e o vento.

E, de súbito, vindos da noite, da chuva e do vento, cinco vultos entram a correr. Os que estão recebem-nos com graças pesadas, ricos, mas abrem um largo espaço junto do balcão apinhado, e o ta-

berneiro, sem que alguém lhe peça, põe-se a encher cinco copos de água-ardeite.

Em fila, ao longo do balcão, os recém-chegados, de cotovelos para a frente, mãos erguidas, dedos abertos, rígidos, saltitam nos bicos dos pés. Trazem gorros de lã e, sobre os grossos camisolões, grandes aventais negros, húmidos e reluzentes, que lhes chegam até ao meio dos altos canos das botas de borracha. A água escorre-lhes pelas caras e pelos fatos.

Cheios os copos, o taberneiro agarra um, curva-se sobre o balcão, de braço estendido, e encosta à borda do copo à boca do primeiro homem da fila, que logo deixa de saltitar. Sempre de mãos erguidas, mal engole a água-ardeite, o homem recomeça a pular nos bicos dos pés. Repetida a manobra com os quatro restantes, a cada um seu copo, todos os cinco, de mãos no ar, saltitam ainda por algum tempo. Ao aquietarem-se, sacodem a cabeça e sopram, como se apenas nesse momento sentissem a água-ardeite chegar-lhes às goelas. Mas as mãos continuam erguidas, rígidas.

São homens que levaram a noite a descarregar peixe dos porões de um navio, e o gelo, que entormecia o pescado, tinha-lhes tolhido as mãos e enregelado pernas e braços. E preciso dar-lhes de beber à boca, quando largam o trabalho, pela madrugada. Só assim conseguem reanimar-se, endireitar o tronco, mover os dedos.

Estão agora a esfregar as mãos com força, a apertá-las uma contra a outra. Não tarda, já podem usá-las para pegar nos copos, que o taberneiro encheu de novo. Mas, enquanto isso não acontece, deram em responder com risos e graças pesadas aos que se tiram delas, há pouco, ao entrarem. E, camaradas, entre camaradas, tudo gente do mesmo ofício, sujelia ao mesmo fadário, a conversa generaliza-se. Gritadas, as palavras enchem a taberna, ressoam, crescem, soltas de todas as bocas, na continuação daquela luta de todos eles contra o frio, a chuva e o vento.

UMA GRANDE AVENTURA DA CIÊNCIA O HOMEM DO «CORAÇÃO NOVO» JÁ FEZ A BARBA SÔZINHO GRAVOU UMA ENTREVISTA E RECEBEU A VISITA

CIDADE DO CABO, 8 — O coração novo de Louis Washkansky pulsava hoje fortemente, não se notando ainda qualquer sintoma de que o seu

MAGALHÃES DE LIMA

— um grande pensador e democrata



Passa hoje mais um aniversário da morte do dr. Magalhães de Lima, um dos precursores das ideias republicanas e democráticas em Portugal, figura de grande pensador que dedicou a sua vida à propagação de ideias generosas e de confraternização universal.

Apóstolo da instrução, defensor das reivindicações dos trabalhadores, paladino dos legítimos direitos da Mulher, Magalhães de Lima foi um admirável obreiro do Bem e do Progresso.

Foi também jornalista vigoroso, fundador do jornal «O Século» e da Liga dos Direitos do Homem.

Hoje, às 11 horas, os amigos e admiradores do dr. Magalhães de Lima promoveram uma romagem de saudade ao túmulo do grande tribuno, no Cemitério dos Prazeres.

DA MULHER

organismo rejeitaria o órgão estranho, transplantado no domingo passado de uma jovem.

Após a histórica operação, médicos do Hospital Groote Schuur preveniram que o período de três a dez dias seria crucial, com possibilidades do organismo do doente rejeitar o coração transplantado serem maiores.

Contudo, quando o merceiro, de 56 anos, iniciou o seu

sexto dia do novo arrendamento de vida, melhorava-se
(Continua na última página)

PARA ALÉM DA BARREIRA DO EGOÍSMO

Auxillar é colaborar, contribuir para que a humanidade seja mais justa, e constitui, simultaneamente, um treino para que nas nossas acções diárias exista sempre um pouco de dedicação aos outros. E que sucede que neste nosso caminhar diário, nesta nossa luta constante de sobrevivência não termos tempo sequer de pensar nos outros — essas janelas fechadas onde se esconde e abriga muitas vezes um mundo de angústia e de desespero.

O mundo dos outros, por muito isolado que seja o indivíduo, é também o mundo de todos nós. E o mundo em que vivemos só pode sobreviver se o ardejamos um pouco com a solidariedade necessária.

Ao fazermos este apelo diário, para que os nossos pobres sejam menos pobres, durante a festa da família, mais não fazemos do que

recordar o que nunca foi esquecido pelos nossos amigos: os republicanos e democratas constituem uma família única, onde pobres e remediados são senhores dos mesmos direitos e deveres. A responsabilidade implica o respeito comum.

Publicemos a seguir mais uma lista de donativos:

Transporte	1.780\$00
Francisco dos Santos Rita, Beja	50\$00
Maria Leonor Vieira	20\$00
Manuel Soares Passos, V. Castelo	50\$00
André Lourenço Margalho, à memória de D. Maria José Esteves Margalho, Monforte	50\$00
Anónimo (algures)	20\$00
Joaquim Filipe dos Santos, Olhão	20\$00
A transportar	1.990\$00

O FRIO CHEGOU CEDO AO PORTO ZERO GRAUS ESTA MANHÃ

O portuense foi hoje surpreendido por uma baixa brusca de temperatura. As 9 horas de hoje a temperatura do ar atingiu o zero graus. Foi uma desclida brusca dos seis graus de ontem para o zero graus de hoje. Isto, enquanto em Lisboa e Faro as temperaturas do ar, esta manhã, eram de 10 graus, baixando em Portalegre para 5 e em Coimbra para 4 graus.

Nove pescadores salvos depois de oito dias à deriva

TOQUIO, 8 — Foram hoje recolhidos 9 pescadores japoneses que se encontravam numa jangada de borracha que andou à deriva oito dias. Segundo a agência marítima os pescadores eram tripulantes do Kaishin Maru 3 que se afundou devido ao mau tempo. — R.

Rastos das horas trágicas da noite de 25 de Novembro A tragédia — Alhandra

Por MARGARIDA PICCIOCHI

No sábado, 25 de Novembro, existia um lugar conhecido pelo nome de «Quintas». No dia seguinte, domingo, fui às Quintas, mas nada mais se via que um pantano estendido a nossos pés. Uma casa aqui, outra ali, soterradas numa planície pantanosa. A medida que descíamos (dos três caminhos que iam dar às Quintas, só por um havia acesso), a desolação, a dor, o luto e a desgraça, apareciam a nossos olhos, que não queriam acreditar no que viam. Chegámos às casas que ficavam mais no alto, pois dali, a lama não deixava passar. Não havia choros, nem gritos, nem lamentos. Umas cinco ou seis casas de pé. Paredes que abriga-

vam, momentos antes, corpos sujos, irreconhecíveis, devido à lama que lhes servira na mortalha; homens, crianças, animais. Uma casa amarela, à nossa esquerda, já não tinha dono, porque toda a família perecera na avalanche de lodo que lhe invadira a casa. Por uma janela escancarada, já sem portas (talvez por onde a lama entrara quando alguém quisesa ver o que se passava no exterior,

nessa noite macabra), viam-se os móveis, a cama e até uma bicicleta, tudo de pernas para o ar, envolvido em lama. E, de repente, ouve-se um soluço convulsivo e irremovível: dois homens abraçados, choram a perda da família e dos bens. Ninguém tenta consolá-los. Para quê? Dizer o quê? Impossível. O transtorno lê-se nas caras de todos e os olhares continuam a guardar uma luz de pasmo, porque ninguém pode compreender como fora possível, em tão pouco tempo, dar-se uma calamidade tão fantástica. Calamidade da qual ninguém tivera a culpa e que ninguém poderia evitar. Algumas pessoas nem se aperceberam do que lhes acontecera. Estavam a dormir, a dor-

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA CENSURA

(Continua na 4.ª página)

mir ficaram. Cadáveres foram encontrados nas posições mais inverosímeis. Procurava-se um homem. As pontas dos chifres de uma vaca, apontavam de sob um monte de lama. Do corpo ou da cabeça, nada se viu. O homem apareceu envolvido em lama.

É apesar de tudo isto, algumas pessoas do que ontem era o lugar das Quintas, sobreviveram. Quantas? Dez, quinze? Não mais. O número de habitantes não ultrapassava duzentos. Mas eles ficaram sem terra, sem casa, sem família, sem viveram para guardarem eternamente o desespero na alma e a amargura no coração.

Deixámos o lugar, porque nada se podia fazer, perguntando-nos como fora possível tamanha tragédia. A morte rodava-nos e eis um burro que zurra ao longe. Duas galinhas andam por ali ao acaso, à procura de comida. O zorro arrepiava-se. Talvez, contudo, ele simbolize vida no caos da morte, anuncie que uma luz possa ainda brilhar em tamanha escuridão!

Segunda-feira, 27 de Novembro: Uma família: pai, mãe e três filhos. Viviam no Cais de Povos. O mais novo, um bebé de 15 dias, foi na encurrada até uma grande distância, mas salvou-se. Ficaram sem casa, sem roupas, sem nada. No mesmo lugar, um rapazito doente, sorri estasiado ao receber um pijama com bonecos. Já não tinha casa. Nunca poderá esquecer as horas trágicas que viveu.

Para lá das Quintas, nos Cadafais: três, quatro ou cinco cadáveres? O padre rezou na rua, ante aquele funeral pouco comum. As crianças atingidas pela invasão das lamas e que ficaram sem nada, já estão vestidas. Em todos os semblantes está marcada a dor e o luto. Saem gemidos do interior das casas, choros e gritos dolorosos. Um pequenito caíra do branco, à frente de outro preto. E o povo está todo de negro e o sol brilha. Nada se poderia fazer ali, pois a dor era imensa e inconsolável. Dos dois lados da estrada que estava a ser desobstruída, uma extensa planície de pântanos traiçoeiros que ainda cobriam pessoas desaparecidas, que eram procuradas por homens com longos paus. Causava arrepios e não havia palavras que pudessem exprimir o que se sentia.

Hesitámos no Carregado. Alenquer ou Alhandra? Da primeira nada sabíamos. E, assim, fomos para a Vala do Carregado. Ao longo da estrada, lavam-se mobílias, roupas e tudo que se pôde salvar da encurrada. Todos querem ser ajudados. Os que precisam e os que não precisam, estabelecendo-se uma enorme confusão, da qual nada entendemos. Desejávamos ajudar e livrar-nos daquela sensação de inutilidade que sentíamos perante tudo quanto viamos.

Só na quinta-feira é que nos dirigimos para Alhandra. Indicaram-nos o hospital e por lá ficámos. Foi em Alhandra que avallámos bem a extensão da calamidade, da catástrofe, da desolação e do incompreensível. Não há palavras que possam descrever o inferno vivido por aquela gente, o inferno da lama, o caos e os destroços deixados atrás. Dir-se-ia que a vila tinha sofrido um bombardeamento numa noite de chuva, ou que as lavas de um vulcão se tinham assenhoreado de tudo. Nos interiores das casas, os tetos foram testemunhas mudas de horas trágicamente vividas pelos seus habitantes. As paredes nada viam porque estavam cegas pela lama. E esta era ainda tanta, tão alta e espessa, que tínhamos de andar com mil cautelas. Objectos irreconhecíveis, roupas, um amálgama de coisas envolvidas em lama. Lama porca, escorregadia e pegajosa. Aqui nesta casa, uma senhora idosa e doente, estivera coberta de lama e salvara-se porque conseguira agarrar-se agarrada a um prego recurvo que estava pregado bastante alto. Ela não conseguia ainda sair do estado de pânico em que ficara. Num rés-do-chão alto, o sobrado abateu, cavando um fundo buraco por onde se precipitaram os

Rastos das horas trágicas da noite de 25 de Novembro

móveis. A dona da casa, mal consegue explicar como aconteceu aquilo e como é que ela se salvou com a filha. Os soluços não a deixam falar e repete sempre as mesmas palavras. Nada escapou.

Em quase todas as casas, o frio deixado pelo lodo, cobria uma pessoa de altura média. Numas mais alto, noutras mais baixo. Ali ficou atalhado debaixo dos móveis. Temos de ter cuidado ao andar dentro das casas. A lama cobre-nos ainda os tornozelos e nalguns sítios o sobrado abateu, abrindo covas traço-covas. Algumas pessoas salvaram-se, fugindo para os sótãos e telhados. Na Estrada da Suberra jazem umas paredes com buracos do feito de portas e de janelas. Ainda lá estão cadeiras e uma mesa envolvidas em lodo que dava quase até aos joelhos. Tudo mudo. Um silêncio de morte, mas qualquer coisa queria transmitir-nos a força da tragédia ali vivida. A encurrada introduziu-se no interior e levou tudo: pessoas e móveis e animais e portas e janelas. Incredível!

Nada havia a fazer ali. Sentimo-nos arrepiados e afastámo-nos silenciosamente.

Aqui, outro bebé com 15 dias que se salvou e que nunca se lembrará da horrível aflição dos pais que ficaram sem nada. Casas, no centro de Alhandra, onde era difícil ou praticamente impossível chegarmos e de onde os habitantes não podiam sair por não terem calçado nem roupas. As botas queriam ficar enfiadas no lodo que por vezes tinham mais força que o próprio pé. Era uma luta. O comércio deixou de existir. Não há farmácias. Se algumas pessoas ainda se mostravam como que apatetadas e outras desesperadas, a verdade é que todos trabalhavam para viver, por meio de lavagens, os móveis, os objectos e as casas.

As casas! Valorosos estudantes, rapazes e raparigas que ficavam com lama da cabeça aos pés, mas que nunca desanimaram e só deixavam a casa da qual tomavam conta, depois de terem retirado pozadas e pozadas, baldes e baldes de lama; depois de terem lavado as paredes, as louças (se se salvaram algumas), os móveis e todos os objectos encontrados. E os marinheiros da Escola de Mecânicos, em Vila Franca de Xira, estavam e estão por toda a parte para ajudar, empunhando pás. Ninguém hesitava em se atolar até aos joelhos, calçando botas ou sapatos, vestindo salias ou calças. Estudantes universitários, marinheiros (estes rapazes têm trabalhado altruisticamente, sem descanço), cadetes da Academia Militar, fuzileiros navais, algumas voluntárias do Liceu D. Filipa de Lencastre, estudantes de Santarém, alunos da Escola Industrial Luís de Gusmão, grupo dos Amigos de Torres Novas, todos empunharam pás, todos partiam do centro (o hospital) em vários grupos, formando equipas, cumprindo da melhor boa-vontade a sua missão. Sem sequer optarem por este ou por aquele trabalho. Partiam ou ficavam entregues na

distribuição das roupas, ou em qualquer outro trabalho necessário. Se era a primeira vez que iam a Alhandra, tinham invariavelmente, esta exclamação: «Éh pá, nunca imaginei que isto fosse assim. Nós em Lisboa nem fazemos ideia do que isto seja!»

Uma estudante do 5.º ano de Filosofia, Teresa Filomena Saraiiva, trabalhou como um homem, deitando pás de lama num balde. Os companheiros, rapazes e raparigas, foram incansáveis. O suor

escorria-lhes pelas caras estafadas, mas nunca desanimavam e sempre encontravam uma palavra para dizerem, quer de horror ao pensarem no que os habitantes daquela casa tinham vivido, quer de bom humor, dando uma «plada», para aliviar o ambiente. Ao vê-los passar nas ruas, cobertos de lama, empunhando pás, os alhandrenses olhavam-nos com admiração num agradecimento mudo nos olhos doloridos de tanto chorarem. O exemplo que esta mocidade deu, fez um bem duplo, pois além da ajuda física, estimulou o moral de uma vida de pessoas que deixaram de ter alegria por muito tempo. Incitámos a reagir, a terem um pouquinho de esperança, a não ficarem vergadas ao peso da sua desgraça. Acabado o trabalho do lodo, e-los que vão lavar roupas e continuam a ajudar, desta e daquela maneira, todos os que foram atingidos pela encurrada. Não trabalham só no exterior, como também em todos os serviços montados no hospital, onde chegam continuamente camionetas. «Jeeps» e carros atulhados de roupas, mercerarias e louças... de mais rapazes e raparigas que vêm oferecer a sua ajuda. Nenhuma colaboração é recusada. Todos são recebidos pelo sr. Raul Inácio com uma palavra de agradecimento e que logo lhes distribui trabalho. Não seria exagero dizer e afirmar que Alhandra poderia ser apontada como o símbolo da União e do bom acolhimento. Todos que ali têm ido trabalhar, confirmarão esta afirmação.

VEDAÇÃO AO TRANSITO

A fim de ser iniciada a concretização da urbanização local, vai ser aberto ao trânsito o novo arramento entre a rua Marques da Fronteira e a Avenida Duarte Pacheco, passando a rua das Amoreiras a apresentar um impasse a norte e outro a sul daquela avenida.

Estas alterações verificar-se-ão a partir da noite de amanhã 9, para 10.

SOCIEDADE «ESTORIL»

Comunicado n.º 5, de 7 de Dezembro

Por terem sido postas ao serviço mais três carruagens é-nos possível a partir de hoje, 7, efectuar, mais os combolos rápidos entre C. Sodré e Algés. O horário normal dos dias úteis só não será cumprido relativamente aos seguintes combolos:

PARTIDAS DE C. SODRÉ
Rápidos de C. Sodré a S. João (término Cascais)
7.10 — 7.40 — 8.40 — 13.10 — 13.55 — 14.25 — 17.55 — 18.25 — 18.40 — 18.55 — 19.10 — 19.25 — 19.40.

Rápidos de C. Sodré a Carcavelos (término Cascais)
18.29.
Rápidos de C. Sodré a C. Quebrada (término Oeiras)
7.59 — 12.29 — 12.44 — 13.59 — 18.14.

PARTIDAS DE CASCAIS
Rápidos de S. João a C. Sodré
7.03 — 8.03 — 8.18 — 8.33 — 9.18 — 14.18 — 18.33 — 19.03 — 19.18 — 19.33.

Rápidos de S. João a C. Sodré
7.53.
PARTIDAS DE OEIRAS — Rápidos de Cruz Quebrada a C. Sodré
8.22 — 18.37.

TRIBUNAL CÍVEL da Comarca de Lisboa 3.º JUZO ANUNCIO

Pela 3.ª Secção do 3.º Juzo Cível de Lisboa, correm ditos de 30 dias, contados da data da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, citando o réu Alberto Gomes, casado, gerente comercial, que teve o seu último domicílio conhecido na Rua do Benfornoso, 166, 1.º, em Lisboa e actualmente ausente em parte incerta, para, no prazo de 5 dias findo o dos editos, pagar ao exequente António Ferreira de Almeida a quantia de 15 680\$00, ou, no mesmo prazo, nomear bens à penhora, sob pena de o direito de nomeação ser desenvolvido ao exequente, tudo como melhor consta da petição inicial.

Lisboa, 29 de Novembro de 1967.
O Escrivão
Cândido Cardoso
Verifique:
O Juiz de Direito
Adelino Barbosa de Almeida

nem por ignorância deles, mas por falta de espaço e porque se a todos fizesse referência, a lista seria tão longa como a da subscrição do «Diário de Notícias». Sob a direcção do presidente da Junta de Freguesia, sr. Alberto Graça, foram imediatamente organizados todos os serviços necessários. Apesar de não ter espaço para mencionar todas as pessoas, não posso deixar de salientar os admiráveis serviços dos bombeiros de Alhandra que desde a meia-noite de domingo até ao dia 1 de Dezembro não souberam o que fosse dormir. Nunca pararam e os rostos destes homens testemunham a vontade de lutar e de quererem vencer os rastos de uma tragédia (que os atingiu a eles, pessoalmente), tão tamanha quão incompreensível. Guarda Republicana, bombeiros, trabalhadores da fábrica Cimento Tejo, marinheiros da Junta das Torres, voluntários civis, todos se têm mantido a postos e dispensado esforços sobrehumanos para que a vila de Alhandra volte a ser o que era, apagando os traços funestos deixados pelos elementos destruidores que semearam a desolação e a morte num espaço de tempo recorde. E graças a este conjunto de ajudas e de colaboração, de boa ordem, de boa vontade e de solidariedade desinteressada, mas humana, que se deve do facto da vida começar a reentrar, a pouco e pouco, na quase normalidade. Embora alguns sítios seja ainda difícil passar, pode-se, dizer que as ruas da vila já se encontram transitáveis e desimpedidas daquele coberto de lodo que as cobria. As casas estão, senão todas, quase todas desentulhadas. Agora só esperam as reparações que se tornam urgentemente necessárias. As pessoas, embora precariamente, estão agasalhadas, vestidas, têm pratos para comerem e alimentos que lhes são diariamente fornecidos por meio de um trabalho de fichas laboriosamente organizado pelo sr. Carlos Viela Gaspar.

E depois desta tragédia espantosa, depois da noite infernal em que os gritos de socorro e de agonia ressoaram de toda a parte, sem que as pessoas que os ouviam pudessem fazer fosse o que fosse para os salvar; depois desta escuridão macabra, a luz brilhou e o sol nunca mais deixou de aquecer este povo. O céu despejou tudo o que lá havia e que o sobrecarregava. Em seguida cobriu-se de um manto azul que não mais o abandonou. Tudo voltará, mais cedo ou mais tarde, à normalidade. Mas os que foram? Os que ficaram soterrados ou foram arrastados na avalanche? Para os que ficaram, para os que julgaram que a vida também a eles lá se tirada de uma maneira tão horrível, deu-se o impossível: não só continuam a viver, como ainda terão forças para lutar e agora esta luta terá um único fim: refazer tudo, começando pelo princípio!
E o sol continua a brilhar, e o céu continua azul...

MARGARIDA PICCIOCHI

UMA INTERESSANTE iniciativa artística em Cascais

Inaugura-se no próximo dia 15 do corrente e manter-se-á aberta até ao dia 31 deste mês, uma exposição colectiva de arte, em Cascais, numa galeria instalada no lado do snack-bar «Boca do Inferno», cedida especialmente para esse fim.

É uma interessante iniciativa de que podem beneficiar os artistas. A comissão organizadora da exposição, composta por Michel Barretts (pintor), José Salzedo da Gama (escultor), Correia de Moraes (pintor) e Almeida e Sousa (pintor), avisa todos os artistas que a isso estejam dispostos, que aceita todos os trabalhos, sem pagamento de inscrição, tanto de escultura como cerâmica, pintura e desenho. As únicas condições a que os expositores estão sujeitos são as seguintes:
As despesas (iluminação, limpe-

za, empregada, etc.), serão suportadas em partes iguais pelos expositores, independentemente das vendas que possam efectuar-se. Para tal, o artista terá que depositar a quantia de 200\$00 na altura da entrega dos trabalhos. Os transportes até ao local de exposição serão por conta do expositor. O número de trabalhos será de um máximo de seis (6) e um mínimo de dois (2), conforme o espaço disponível; os ceramistas poderão mandar um número ilimitado de trabalhos. Das vendas, serão deduzidos 20%, cobrados pela loja expositora.

A inscrição pode ser feita pelo telefone 28 12 75, ou na Avenida José Frederico Ulrich, 7, r/c., Cascais.
Entre os expositores já inscritos, além de nacionais contam-se alguns artistas estrangeiros.

ESTROFANTINA

IMPEDE O ENFARTE DO MIOCÁRDIO

- Sensacional revolução na terapia do enfarte
- Resultados da observação de 50.000 casos

Quem já sofreu um enfarte do miocárdio pode ter a certeza que o terrível ataque não se repetirá. Hoje em dia é possível impedir a repetição de um infarto com segurança quase absoluta. Além disso, quando haja indícios do perigo de um primeiro enfarte há recursos de o evitar com as maiores probabilidades de êxito.

Estas afirmações optimistas são o resultado de um grupo de cardiologistas de Stuttgart. Formando há muitos anos um grupo de trabalho de profilaxia do enfarte estes especialistas causaram sensação ao apresentarem o seu extenso relatório científico. O volumoso relatório abrange as observações feitas durante vinte anos, período no qual se observaram mais de 50.000 pacientes. O trabalho foi coordenado pelo cardiologista de Stuttgart dr. Berthold Kern, de cinquenta e seis anos, que baseia as suas experiências nas anamneses e nos relatórios de cerca de 14.000 casos de infarto.

A «sensação» do relatório de Stuttgart reside na nova teoria sobre a formação do enfarte e na alteração quase completa da terapia até agora aconselhada. Enquanto até agora se considerava a esclerose das coronárias uma das causas principais do enfarte, os cardiólogos de Stuttgart defendem a tese que o enfarte não é causado por alterações das coronárias mas por alterações do próprio miocárdio. Segundo as suas investigações, trata-se de um longo processo de coagulação de sangue nas capilares, formando-se pequenos focos de necrose, que vão subindo até ao músculo propriamente dito. É curioso só ser atacada a parte esquerda do músculo.

Uma vez descoberta uma nova causa, os especialistas investigaram uma alteração da terapia e da profilaxia do enfarte. Os espe-

cialistas de Stuttgart puseram de parte os medicamentos destinados a melhorar a irrigação das coronárias e lançaram mão de um medicamento já conhecido, que age directamente sobre o miocárdio a estrofantina. Há já mais de cem anos a estrofantina era considerada um excelente remédio de ampla aplicação nas doenças do coração.

A nova terapia, e a utilização da estrofantina permitiram provar que o enfarte tem efectivamente a sua causa numa deficiência do miocárdio. O tratamento com es-

trofantina deu resultados até mesmo milagrosos em mais de 50.000 casos. Em nenhum deles houve repetição do enfarte nem enfartes fatais e mesmo em casos graves de angina pectoris evitaram-se por meio da estrofantina, durante anos seguidos, quaisquer recaídas. Hoje em dia a estrofantina não é ministrada unicamente por via intravenosa, mas também por via oral. Os cardiologistas de Stuttgart rejeitam, por o considerarem perigoso, outro remédio tradicional, frequentemente aplicado em casos de enfarte a digitalina.

CRÓNICA DA COVILHÃ

HOSPITAL REGIONAL

Para eleger a nova Mesa Administrativa que há-de funcionar durante o triénio de 1968-1970, em 2.ª convocação, reunem-se depois de amanhã, pelas 12.30 na Misericórdia os filiados deste Hospital. Sendo a mais importante Casa de Beneficência da Covilhã, com milhares de irmãos associados, é de esperar a maior concorrência possível.

ALBERGUE DOS INVALIDOS DE TRABALHO — A fim de eleger a Comissão Administrativa, para gerir os negócios deste Albergue durante o triénio de 1968-1970, está também convocada a assembleia geral para o mesmo dia, pelas 9 horas da manhã. É do maior interesse que todos compareçam ao acto que se vai realizar, como apoio e como estímulo aos administradores eleitos.

São estas as duas instituições que mais influem no alívio das classes mais pobres, que carecem do maior carinho, auxílio e conforto das classes mais favorecidas. Todos se devem empenhar pela sua boa administração.

ANTONIO LOURENÇO RODRIGUES — Quando, na madrugada de 3 do corrente recebemos a triste notícia do falecimento deste antigo comerciante da Covilhã, residente no Fundão, não nos surpreendeu, pois três dias antes tínhamos ido visitá-lo com o nosso velho amigo Luís Rodrigues Marques, verificando a gravidade da doença, cujo sofrimento nos deixou penalizado. Com muitos amigos assistimos ao funeral, realizado na Covilhã, cuja cidade sorvia muitos anos.

Que descanse em paz o saudoso amigo.

A PISCINA — Por falta de certos elementos indispensáveis, os serviços da Piscina não puderam ser concluídos a tempo de poder ser inaugurada este como se esperava. Presentemente anda-se trabalhando em colectamentos nas principais artérias e passeios, enquanto a mocidade vai aproveitando o campo de patinagem próximo e outros desportos próprios. A Piscina ficará preparada para o próximo verão.

A entrada do Bairro já tem abrigo para os seus moradores aproveitarem da carreira de ca-

minhões de Almeida do Carvalho, que devido ao aumento de passageiros e para mais utilidade pública elevará o número de carreiras diárias.

Util melhoramento de que todos aproveitam.

Com os arranjos das ruas, passeios, jardins e largo das escolas primárias, o bairro ficará mais embelezado, e os moradores com melhores comodidades.

J. B. G.

PERTURBAÇÕES nas circulações ferroviárias

COMUNICADO DA C. P.

No seguimento de anteriores comunicados sobre condicionamento de circulações ferroviárias impostos ao serviço público pelas recentes inundações que profundamente atingiram as linhas férreas da área da capital, particularmente os troços de Vila Franca de Xira-Carregado e Benfca-Cacém, a C. P. informa:

1. O serviço de comboios suburbanos de Lisboa encontra-se praticamente normalizado na linha de Sintra e na do Norte, até Vila Franca de Xira. Os comboios destinados ao Carregado e Azambuja continuam a ter o seguimento, além de Vila Franca de Xira, assegurado por autocarros.

2. No que respeita aos comboios ascendentes de longo curso, verificam-se ainda as seguintes restrições à partida de Lisboa (Santa Apolónia):

a) O comboio 121, com destino ao Entroncamento, e partida prevista às 7.07, não se realiza, por enquanto. Os seus passageiros deverão utilizar, em sua substituição, o comboio 3011, que parte às 7.40 h.

b) O comboio 1005 (rápido de Beira Alta) que parte às 8.10, fazendo serviço internacional de 2.ª classe, passa a partir às 8.30 ligado ao comboio 1 (rápido do Porto).

c) O comboio 123 que parte às 10.35 h. com destino ao Entroncamento, parte às 11.15 horas ligado ao comboio 11 (correio do Proto).

d) O comboio 1121, que parte às 17.50 h., com destino a Coimbra, passa a partir às 18.48 ligado ao comboio semi-directo 111/223.

e) O comboio 3 (foguetes) que parte às 14.10, com destino ao Porto, passa a partir às 14.45 li-

ARTES PLÁSTICAS

OBRAS DE POLA AIVAZIAN

Ao entrarmos na sala de exposição dos quadros a óleo de Pola Aivazian, pintora suíça de passagem no nosso País, sentimo-nos dominados pelo ambiente de beleza e cor, que difundem as suas obras.

E que Pola Aivazian é uma pintora estruturalmente colorista, que domina com os efeitos de cor de bom matiz nas mais vibrantes gamas, servindo-se de fundos tão luminosos e frescos como as suas composições.

Número elevado de quadros marcam a variedade de interpretação e fantasia que a artista transmite à tela.

E, se os contrastes, as cores próximas e os conjuntos são perfectos e originais a interpretação da flor toma um cunho superior com a facilidade de técnica empregada, pelos movimentos espontâneos que a espátula permite.

Na maioria as composições são tratadas com todo o equilíbrio, e devemos destacar a simplificação das formas e colorido onde dominam normas decorativas originárias da Suíça e Checoslováquia. Se a artista se deixou influenciar pela vaga etérea que gravita no Cosmos desses países, há que juntar o seu poder criador de actualização, e riqueza de cor com que sabe dotar as suas produções. Há assim a mencionar, muito da alma colorista da artista, evoluindo, dentro das normas ancestrais e actuais das artes decorativas.

A vivacidade e frescura de cor, transparente nas suas produções, culmina no quadro n.º 6, onde além da delicadeza das gamas de cor empregadas, há muito da alma da artista talvez em conjugação com a interpretação directa do modelo, onde consegue elevada ex-

pressão poética que as flores lhe inspiram.

Passando à paisagem, observamos que o saber desenhar, ali se manifesta em toda a sua verdadeira grandeza. O desenho é marcado à espátula por valores cromáticos da maior harmonia, realçando os contornos a estilete sobre a matéria pastosa, apenas como marcação secundária.

O fulgor, o brilho, a harmonia e vibração de cor, ligam-se sem a preocupação marcada de definir os primeiros ou últimos planos.

A perspectiva evidencia-se sem necessidade de linhas nitidamente marcadas. A riqueza do colorido manifesta-se com a maior intensidade em todos os trabalhos, mais realçando o valor da alma interpretativa da artista.

São notáveis as paisagens números 8, 22, 40, 32, 34, 35, 39 e 48.

Na figura a artista procura transmitir à tela o drama e a poesia que a condição humana lhe sugere.

O quadro n.º 27 (senhora com meninos) poderá chamar-se Madona e menino, tal é o espírito ambiente que o quadro possui.

Há nas duas figuras um sentimento místico repassado de ternura, onde as figuras reúnem atitudes dum expressionismo poético, valorizado por coloração cuidada.

O esquema de tendência infantil que as crianças põem nas suas criações ao pretender representar os adultos, por meio de dois traços paralelos marcando a largura do apêndice nasal, rematado por dois pontos escuros definindo as narinas, foi seguido pela pintora, naturalmente para imprimir candura e singeleza às suas figuras. Esse esquema prejudica em parte a expressão dramática conseguida nos painéis reduzindo-lhes o valor expressionista desejado, conseguido em geral pelos grandes planos e doçura do olhar.

Gioto e Cimabué ao pintar as notáveis figuras místicas, conseguiram reflexos surpreendentes sem intervenção da anatomia, procurando o efeito nas atitudes, não desprezando o acabamento profundo dos pormenores.

Também Essor que utilizou esquema semelhante, para caracterizar a infantildade dos caracões que retratou, teve o cuidado de não exagerar essa marcação, envolvendo-a por planos de cor onde o esquema se adivinha sem se ver.

O conjunto das obras expostas completam uma magnífica manifestação de arte, onde para honra da pintura, a cor domina.

A Fundação Calouste Gulbenkian que teve a feliz inspiração de apresentar esta artista ao público português, tem a oportunidade de escolher e aquisição de produções do melhor nível desta artista, dignas de figurar nas suas valiosas colecções de arte.

JORGE PINTO

TRIBUNAL DE COMARCA DE LISBOA

10.º JUZO CIVEL

ANUNCIO

Por este Tribunal, na execução que Recta, Reacautagem e Vulcanização, Limitada move a Alberto Alves, residente na Praça Sócrates, número sete, primeiro, direito, em Lisboa, correu êditos de vinte dias, contados da segunda publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos daquele executado, para, no prazo de dez dias posterior ao dos êditos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 2 de Dezembro de 1967.

O Escrivão da 3.ª Secção: António Carlos Vidal de Almeida Ribeiro

O Juiz de Direito: António dos Santos Rocha

RELÓGIOS
DÍNAMO
EXACTOS E BARATOS

República
AGÊNCIA DA LIVRARIA
BERTRAND
ENTRONCAMENTO